

Marcelo Engel Bronosky - O Jornalista da Resistência

[ENTREVISTA]

Luciano Victor Barros Maluly

Especial para a Revista Extraprensa

[RESUMO ABSTRACT]

Ele é considerado um “lutador” em defesa dos cursos de formação em jornalismo, tanto que é um dos fundadores do Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), no Paraná (Brasil), onde atua desde os tempos de graduação. Debates polêmicos em torno do Jornalismo de Resistência, dos Manuais de Redação, dos Jornais-Laboratório, da qualidade dos cursos de jornalismo e da divulgação científica integram os estudos do professor e pesquisador Marcelo Engel Bronosky, doutor em Ciências da Comunicação (UNISINOS) e coordenador do Grupo de Pesquisa em Lógicas de Produção e Consumo do Jornalismo.

Palavras-chaves: Jornalismo de resistência. Jornal-Laboratório. Manuais de redação. Qualidade da formação do jornalista.

He is considered a “fighter” in the defense of the Graduate Journalism Courses, being one of the Post-Graduate Course Stricto Sensu founders in Journalism at University of Ponta Grossa, in Paraná (Brazil), where he has been working since his graduation. Polemic debates around themes as: Journalism of Resistance, Writing Manuals, Newspaper-Lab, the quality of Journalism courses and Science dissemination integrate the studies of the professor and researcher Marcelo Engel Bronosky, PhD in Communication Sciences (UNISINOS) and coordinator of the Research Group in Logic of Production and Consumption of Journalism.

Keywords: Journalism of resistance. Newspaper-Lab. Writing manuals. Quality of the journalist’s formation.

[1] Alguns cursos de jornalismo - como os da USP e da UEPG - são marcados pela tradição em torno das lutas sociais e pela liberdade de expressão. Seguindo esse ideal, como se define hoje o chamado *Jornalismo de Resistência*?

As escolas de jornalismo, de forma geral, têm por tradição se posicionarem de forma crítica diante dos desmandos que afetam à sociedade. Trata-se de um princípio que está no cerne da própria atividade. Não foi atoa que a política estadunidense, em meados da década de 1960, fortaleceu a comunicação em detrimento do jornalismo, como pode ser visto na atuação do Ciespal a partir deste momento. A formação e a consolidação do saber em jornalismo não atendiam as expectativas da política intervencionista dos Estados Unidos junto aos países latino-americanos. Neste âmbito, cursos como o da USP assumiram, desde o início de suas atividades, tarefa central na luta pela liberdade de imprensa e pelo direito à livre manifestação. Muitos pagaram com a vida como o jornalista e professor Wladimir Herzog. Contudo, é preciso reconhecer que, atualmente, parte dos movimentos sociais deixaram de ocupar as ruas e praças, para militarem nos ambientes virtuais. Esta nova realidade emula às lutas em ações mais distantes, porém, cobra dos jornalistas e das faculdades, para além da formação específica, a capacidade de relacionarem temas e assuntos à luta pela democratização da mídia, pelas liberdades individuais entre outros temas que devem fazer parte do chamado Jornalismo de Resistência.

[2] O seu livro “Manuais de Redação e Jornalista: estratégias de apropriação” (Editora UEPG, 2010) discute, principalmente, a rotina jornalística. Pode se dizer, então, que existe uma

padronização das linhas editoriais, ou mais, da produção jornalística?

Sim, é possível afirmar que há certa padronização editorial, o que configura formas de produção para cada redação. Porém, não se trata de algo automático, como se fosse uma correia de transmissão, na qual o dono do jornal ou seus prepostos simplesmente determinam e os jornalistas cumprem. Estamos falando de uma realidade complexa na qual os jornalistas participam na definição da linha editorial e partir das escolhas que realizam quando em produção. Nesse cenário, os manuais de redação têm papel importante, pois colaboram na padronização, no entanto, como ele se insere – como um dispositivo – no processo de produção, ele é apropriado pelos jornalistas de múltiplas maneiras, muitas das quais não estão previstas pelos próprios manuais. Para se ter ideia das várias formas de uso dos manuais nas redações, encontrei em minha pesquisa, jornalistas usando o manual de redação da empresa como apoio para o monitor, ou seja, para além de ser um instrumento de “controle”, os manuais operam múltiplos e variados usos. Portanto, a padronização editorial reside mais numa percepção dos jornalistas em relação aquilo que eles acham que devem fazer.

[3] Os altos custos estão minando o jornalismo impresso, inclusive nas faculdades de comunicação, com os jornais-laboratório a migrar para o digital. Quais as consequências desta atual tendência na formação do jornalista?

O jornal-laboratório cumpre função central na formação dos futuros jornalistas. É o primeiro contato que eles têm com a prática, independente da plataforma. Diante disto, as faculdades precisam, para além dos custos, oferecer condições de que essa prática seja realizada

conforme definido pelas Diretrizes Curriculares da área, independente do meio. Além disso, por mais que estejamos presenciando uma migração para o digital, os jornais impressos ainda ocupam lugar importante na sociedade, não apenas em termos de circulação, como é o caso dos jornais populares e/ou gratuitos, mas por que participam ativamente na formação da opinião de segmentos importantes da sociedade. Há características aplicadas em jornais impressos que não básicas e necessárias ao desenvolvimento dos alunos. Portanto, as faculdades de jornalismo não podem ignorar a importância dos jornais-laboratoriais impressos na formação de seus estudantes, independente dos custos.

4] Parece também que as linhas editoriais dos jornais-laboratório sofrem com a ausência de um direcionamento, sendo que muitos trabalham com matérias soltas de comportamento ou mesmo de assuntos internos e específicos das instituições de ensino. Como fazer para que os periódicos universitários tenham compromisso político e social, com ênfase na cidadania e no interesse público?

Podemos compreender esta questão de duas formas: a primeira diz respeito ao interesse exclusivamente comercial de muitas escolas que ainda utilizam os jornais-laboratório como se fossem house-organs, ferramentas de divulgação de si, muitos destes com a anuência de professores e coordenadores de curso, que se veem pressionados (ou não) a aceitar as intervenções, sob pena de não terem nenhum espaço para seus alunos. Soma-se a isto, a precária fiscalização por parte do MEC e os limitados instrumentos de

avaliação das comissões de especialistas junto às Faculdades. A outra forma, complementar a primeira, diz respeito ao fato de reconhecer que as Universidades, em especial os cursos de jornalismo, tem o compromisso histórico de pautar, em seus jornais-laboratório, temas e assuntos de interesse público e de relevância social, nem que isto signifique afrontar o establishment. Na verdade, a formação acadêmica de um estudante de jornalismo só estará completa se, entre outras ações, conseguir produzir material jornalístico que provoque debate em torno de temas de interesse público.

[5] Seu trabalho é reconhecido pelas lutas em torno da formação dos jornalistas, desde a manutenção dos cursos de graduação até a criação dos cursos de Pós-Graduação, com destaque para o Mestrado em Jornalismo da UEPG. Porém, a qualidade de muitos cursos é sempre criticada por profissionais e acadêmicos. O que é necessário para que esses cursos sejam considerados essenciais à formação em jornalismo?

Não há dúvida de que a qualidade das Faculdades de Jornalismo precisa melhorar de forma geral, especialmente no sentido de reconhecer o seu papel transformador através de uma prática jornalística responsável. Precisamos ter claro que certo ideal de objetividade não pode restringir à luta por uma sociedade mais justa, igualitária e fraterna, compromisso primário da atividade. Além disso, devemos avançar no debate a respeito da especificidade da atividade jornalística, apontando para a consolidação da área, autônoma e de pleno direito. Isto passa, inclusive, pela qualificação profissional do jornalismo e pelo desenvolvimento de teorias e metodologias próprias. Este deve ser um dos principais esforços do mestrado em jornalismo da UEPG.

[6] Por fim, a produção acadêmica está acelerada, mas o fluxo ainda é pequeno, com prejuízo considerável aos estudantes de Graduação e Pós-Graduação. Em termos de divulgação científica em jornalismo, de que forma as entidades acadêmicas e científicas e os próprios jornais poderiam contribuir para ampliar o acesso a esse conteúdo?

De fato, a produção acadêmica tanto em termos de graduação quanto de pós tem aumentado consideravelmente. Basta ver o crescimento no número de periódicos científicos e livros editados pela área. Contudo, de fato, isto não tem compreendido automaticamente em aumento na qualidade da produção, nem tão pouco alcançado públicos maiores. Muitas obras continuam restritas, limitadas pelo pequeno acesso, sem o devido e necessário debate. O que é contraditório se considerarmos os novos ambientes digitais e as potencialidades da internet. Parece-me que aqui o desafio ao jornalismo científico se situa, na medida em que ele pode e deve encontrar formas de participar ativa e eficientemente na oferta e tradução de conteúdos alheios à grande parte da sociedade, inclusive acadêmica. É preciso ainda fortalecer a participação dos estudantes em eventos acadêmicos, espaços adequados à reflexão e ao desenvolvimento individual. ■

[LUCIANO VICTOR BARROS MALULY]
Doutor em Ciências da Comunicação e professor,
ambos na Escola de Comunicações e Artes da
Universidade de São Paulo.